

“Os corpos e os dias” de Laura Erber

A poética de Laura Erber se constrói *em* e *sobre* espaços/tempos de dispersão do sentido, de deslocamentos, brechas, freqüentemente explorando as relações e ramificações entre imagem e palavra, corpo e linguagem, no suporte do livro e em outros suportes como o filme, a fotografia, o desenho e a instalação. Ampliando o campo da poesia para outros meios, trabalhando justamente neste *intervalo*, são exemplares suas “traduções” visuais da experiência da leitura de Guimarães Rosa (“Diário do Sertão”, 2003) e da poeta argentina Alejandra Pizarnik (“História Antiga”, 2005), assim como “O livro das silhuetas” (de 2004, participante da 5º Bienal do Mercosul) e a mais recente “Firma” (2008), feito em parceria com Marcela Levi, que procura captar “as falhas e intervalos entre palavra e corpo”.

Fiel a esta poética dos interstícios, ou da *ecdise* (troca de pele ou de exoesqueleto, como no caso de algumas aranhas), o último livro de Laura Erber, “Os corpos e os dias” (2008) articula-se no diálogo – ou melhor, no vazio, na tensão – entre palavra e imagem. O texto do livro, escrito durante um prolongado período de residência da artista na Akademie Schloss Solitude de Stuttgart, na Alemanha, em 2006, estrutura-se num tempo dilatado e fraturado, formando uma espécie de teia, na qual o presente se expande, atravessado por dúvidas e enganos, e os corpos e os dias vão se inscrevendo, deixando apenas vestígios, traços entre o esquecimento e a lembrança. Há algo de sinistro, de misterioso e de fantasmático no castelo onde a ação parece se desenrolar. Mas a ação (se há alguma, de fato) é o que menos importa. Não nos enganemos: a estratégia desta poesia é a do suspense, da expectativa, da sedução. Constantemente reduzindo e retirando do texto o núcleo fixo de sentido das palavras, praticando uma literatura *outra* em relação ao falocentrismo, Laura Erber vai sempre reenviando o significado para mais

longe, envolvendo o leitor numa delicada atmosfera, numa promessa sempre adiada (feita do aroma dos figos podres?). Assim inicia-se o poema:

Vem e olha:

figos espalhados

não são frutos proibidos

uma figueira e essas coisas apodrecendo na sombra

e agora

ouça:

são pegadas cada vez mais largas

a mesma sombra...

As imagens que fecham o livro, por sua vez, uma belíssima seqüência de fotos digitais (também exibidas sob a forma de vídeo), mostram jogos de luz e sombra e aparições e desaparecimento de objetos díspares (principalmente vegetais, mas também caneta, isqueiro, copo d'água, anéis e a mão da artista, manipulando-os) sobre uma mesa de madeira. Sua alusão à natureza morta flamenga do século 17, com toda sua carga reflexiva e temática mórbida, é evidente. Aqui, o foco está na ação do tempo sobre os corpos, e as fotos funcionam como um modo de interromper o fluxo contínuo do tempo, captando instantes que permitam ver o quanto a imobilidade dos objetos (e dos corpos – tornando-se a mão da artista um objeto entre outros) é apenas aparente. Diz o texto:

as cartas

estão na mesa

se eu pedisse alguma coisa seria

uma voz que procedesse por fragmentos

*(irreconhecíveis como um beabá)
mulheres iluminadas de través e também homens
que as vissem do outro lado da sala
uma luz leitosa atravessando o fim do dia
mesmo que isso já tenha sido dito antes
e então a coalescência dessa mesma luz sobre muitos outros
objetos*

*alguém nos fala da intensidade de um encontro
há jardins com caminhos que se bifurcam só quando você chega
perto*

No castelo de cartas, no jardim dos caminhos que se bifurcam, nos corpos sem contorno, nas vozes fragmentadas, nos traços e vestígios, na insistência das incertezas, na teia de citações veladas ou não, nos rostos (o nosso próprio?) que já não sabemos se reconhecemos ou não, no contrabando entre texto, pintura e fotografia – na rápida presença de uma gata que atravessa o texto e as imagens de “Os corpos e os dias” – encontramos, quase que pelo avesso, na obra de Laura Erber, reflexões sensíveis, profundas e atualizadas de temas sempre contemporâneos como a morte, o tempo e nossa presença no mundo. Ao explorar e revelar – como num negativo fotográfico – brechas e deslocamentos da linguagem, dos meios e do sentido, Laura Erber ocupa um lugar singular e salutar dentro da poesia brasileira contemporânea: um lugar que tende a se tornar cada vez mais evidente.